

# poemas de *Antologia pessoal*

(Ed. bilíngüe espanhol-português)

TRADUÇÃO: ANTONIO MIRANDA

(Thesaurus Editora, Brasília, 2011)

---

Eduardo García

## A PAZ DAS MARÉS

Criatura do ar submerge-te nas águas  
desliza-te até o fundo forasteiro  
morde o tubo o oxigênio circula em teus pulmões  
ingrávido teu corpo sulcando a espessura  
nadas entre duas águas avanças em sigilo  
como um menino que intui que um segredo o aguarda  
te leva a corrente te abandonas  
nadas como se o tempo estivesse detido  
silêncio mineral a paz das marés  
nadas como se o ar não fosse já teu espaço  
diante de ti despe-se um jardim de outro mundo  
contemplas seus prodígios como se despertasses  
a um destino estrangeiro a um sonho mais feliz  
recorres para trás as estações regressas  
ao ventre da mãe estás nascendo agora  
para uma nova inocência onde deixar-se ser  
sem raízes fluir entre os peixes ágil  
não há futuro ou passado tudo é agora e sempre  
veloz sulca as passagens a rocha e o coral  
com as mãos nuas regressa à superfície  
rompe a pele da água deixa atrás o fulgor  
respira ar puro como um recém nascido  
irá contigo sempre a paz das marés

## CASA NA ÁRVORE

Na copa de uma árvore construirei nossa casa,  
com pregos e tábuas e ilusão e um martelo  
alçarei entre os ramos pisos, tetos, paredes,  
quartos em espiral, secretas passagens  
onde opera o acaso o dom dos encontros  
e de repente amanhece se me fitas no fundo,  
por onde o vento busca o seu refúgio,  
madeira na madeira, estralam as estações,  
vêm visitar-nos os amigos,  
cheira à café, cheira à árvore em que nos acolhemos,  
ao rumor das folhas, à terra  
onde brota o impulso, sua sede de espaços,  
sente-se ali o verdor das promessas,  
casa e árvore fundidos, uma só criatura,  
é-se feliz de algum modo impreciso e vital,  
com os anos a árvore vai brotando seus ramos,  
ganha corpo, se inclina para as nuvens  
e logo a casa já subiu uns metros  
e até o ar é mais puro, mais amplo o horizonte,  
as estrelas fugazes proliferam, agora  
vigia a espessura, há luz na janela,  
protegida de tudo, suspensa,  
luz caseira de noite, resplendor,  
e uma escada de corda entre os ramos,  
se sobes pela escada não tem volta,  
no cume do vento construirei nossa casa.

## FÍSICA APLICADA

Supondo que um homem, uma mulher  
partem de pontos divergentes, dispersos em um plano,  
lugares que se ignoram entre si,  
e à velocidade do entusiasmo  
empreendem a aventura, saem a caminhar,  
vão por aí remando em águas turvas,  
vão por aí escutando o vasto germinar das sementes,  
à espreita, em sigilo, sulcando a terra à esperança,  
supondo que traçam trajetórias de curso irregular,  
cada qual a seu amor, virando ao vento,  
trajetórias quebradas cujo sentido pode  
ao mínimo tremor girar para o vazio,  
supondo o afã, a busca, a sede,  
o sonho do gozo, a ilusão e a ausência,  
calculemos, num golpe de intuição,  
quantas vezes terão as trajetórias  
que cruzar-se no brilho de uns olhos,  
uns lábios que incitam, umas mãos que assentem,  
para incendiar-se a um tempo, homem e mulher, semear a terra  
de chamas como rajadas de chuva.

## PROMESSAS

Prometo abandonar-me nas marés,  
incorporar-me ao caos, ser eu na multidão,  
e desde ali assomado prometo contemplar  
tantas coisas que crescem  
e germinam.

Prometo ser flexível como a árvore,  
ser o junco e as águas, as velas desdobradas,  
e entregue à brisa prometo ir ocupando  
as casas que me restam  
por viver.

E prometo também à deriva  
lançar-me ao encontro do dom inesperado  
e ao cruzar as fronteiras prometo confiar  
cegamente na flecha  
do desejo.

## CICLOS

A árvore solitária que no cume  
empalidece, se incendeia, estala em sombras  
desde o amanhecer até o ocaso  
reflete em noite e luz um astro em fuga,  
goza o ciclo incessante em carne própria.

Meu sonho é mais audaz:  
reflexo de uma vida em seu transcurso,  
uma única jornada  
para ver crepitar as estações.

## CANÇÃO DA ESPERA

Há cutelos que habitam as dobras da roupa,  
cavalos que repousam na pedra,  
tubarões com mandíbulas de névoa e olhos frios,  
borbulhas que ao ar irisam em anil  
até estalar no roce da areia

porque ainda não chegaste, porque vens  
a caminho de outra parte, porque chegas  
com o negror do luto, com o branco nupcial,  
com um ramo de rosas desfolhado na mão.

Há cinzas ardentes que adormecem no orvalho,  
solenes as sirenas dos transbordadores,  
leitos poeirentos que se afogam de sede  
e aves cegas que voam em círculos, cetáceos  
encalhados em rochas de gelo à deriva

porque remota vens, prisioneira de um vento  
do deserto que apaga os vestígios dos pássaros,  
porque a mim te encaminhas com os olhos ausentes,  
com os passos sem trilha das aparições.

Mas há também tambores que incitam à dança,  
o eco do riso ressoa no espaço,  
há pássaros que bebem nos poros do ar,  
o menino e a menina que brincam de médicos  
e o clamor da selva ao despertar

porque já vais salvando o horizonte,  
vás alheia infiltrando-te em minha pele,  
em tua ausência já a carne abre passagem,  
a orquestra preparada, os balões coloridos,  
e ao teu encontro surgem-me os leopardos  
porque tu és minha festa, meu centro e agonia.